

PARA NÃO DEIXAR O CÉREBRO NA MÁQUINA:¹ o jogo dos sentidos no processo de produção do discurso do lazer*

Elza Peixoto**

RESUMO

O texto é o relato da Análise do Discurso do Lazer, observado tanto no estudo dos sentidos atribuídos ao tema por trabalhadores organizados em sindicatos e quanto no discurso da teorização.

ABSTRAT

The text is shows of thw leisure discuss analys, observed in the senses atributed to the theme by workers organized in syndicates as welf as in theoreticals discuss.

* Este texto é uma síntese do Projeto de Pesquisa que apresentei à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em outubro de 1995, para seleção ao seu programa de Pós-graduação (nível de doutoramento).

** Professora da Universidade Federal de Alagoas e mestre em Educação Física/FEF/UNICAMP.



enho concentrado a atenção em investigar concepções político-ideológicas presentes nos discursos produzidos sobre a temática do lazer, entre *trabalhadores organizados em sindicatos*,

e na *teorização sobre o tema*, com o objetivo de detectar o que ocorre com os sentidos do termo quando entram em jogo as posições políticas sobre a organização social e as propostas de alteração da ordem social dominante engendradas a partir dessas posições.

A título de “histórico”, poderia dizer que o interesse pela temática vem desde 1991, quando iniciei estudos exploratórios buscando detectar políticas de lazer que poderiam estar sendo encaminhadas por sindicatos. Nesse período, coletei nos arquivos do Centro de Pastoral Vergueiro² diversos textos que pudessem permitir visualizar a existência de preocupações com a temática do lazer. Os textos observados eram convites, panfletos de divulgação ou relatórios de atividades já executadas.

Com olhos de “estudiosa do lazer” e apoiada na referência teórica produzida pela área, classifiquei essas atividades como atividades culturais de lazer. Tais atividades estão caracterizadas pela especificidade de serem promovidas pelas entidades³ com o objetivo de gerar momentos alternativos de formação e informação dos trabalhadores, a fim de reafirmar, renovar e restabelecer a “consciência de classe”.⁴ Estão caracterizadas basicamente por ocorrer

apoiadas em algum elemento da culturais como: atividades vinculadas à cultura de movimento (pagodes e outras danças), atividades vinculadas à cultura oral de classe ou de massa (encontros de poesia, shows musicais, teatro), atividades vinculadas à cultura corporal (torneios de esportes, capoeira), entre outras. Outra característica dessas atividades é o fato de terem como tema geral alguma problemática conjuntural (corrida metalúrgica contra a privatização).

No ano seguinte, dando continuidade às análises já realizadas e buscando maior objetividade no entendimento da situação político-ideológica da temática do lazer, dentre as diversas entidades assinantes dos textos colhidos no C.P.V., delimitei a CUT e um sindicato a ela filiado como locus de estudo do objeto. A partir dessa delimitação, realizei a análise de conteúdo das Resoluções do 4º Congresso da Central Única dos Trabalhadores apresentando os resultados obtidos na monografia de conclusão do “Curso de Especialização em Recreação e Lazer”

Nessa análise das Resoluções, buscava encontrar concepções, deliberações ou indicativos de direção política para atividades de cultura e lazer a ser desenvolvidas em sindicatos de base da Central Única dos Trabalhadores. No entanto, verifiquei que não existiam “explicitadas preocupações diretas com a questão do lazer” nessas Resoluções, constatando que “em nenhum momento é citada a palavra ou palavras que expressem preocupações semelhantes”.⁵

Entretanto, realizando a leitura das Resoluções do 3º Congresso da CUT,

observei a menção direta da temática do lazer nas “Diretrizes de Ação” no item “A CUT e a defesa dos direitos sindicais” com o título “Direito ao emprego e redução da jornada de trabalho” e o seguinte texto:

O desemprego é o grande fantasma que se projeta para o futuro da classe trabalhadora. O desemprego, estrutural no capitalismo, está aumentando ao longo dos anos em função das inovações tecnológicas, com implicações sociais e políticas gravíssimas.

A luta pela redução da jornada de trabalho para compartilhar o emprego, pelo uso alternativo do tempo livre para cultura, educação e lazer, é uma tarefa decisiva para o sindicalismo internacional. Na América Latina, impulsionar a luta pela redução da jornada de trabalho exige uma maior articulação sindical com informações mais detalhadas e lutas coordenadas, resgatando o próprio significado do 1º de Maio, onde esta bandeira teve um papel decisivo para impulsionar o movimento operário do início do século.⁶

Nas Resoluções do 4º Congresso, como já assinalei, mantém-se deste texto apenas a preocupação com a continuidade das lutas em favor da redução da jornada de trabalho. Por que desaparece o argumento do “tempo livre para a cultura, educação e lazer”?

Diversos elementos componentes da forma discursiva pela qual se dão esse aparecimento e desaparecimento apontaram para a possibilidade de haver jo-

gos de interesses contribuindo no processo de dizer e silenciar essa temática no período de elaboração das Resoluções do 3º e 4º Concut. E é por estar interessada em perceber esses jogos de interesses que, de 1993 a 1996, passo a investigar o processo de produção do silenciamento sobre a temática do lazer no período correspondente à produção das Resoluções do 3º e 4º Congressos da CUT.

Um problema metodológico se colocava na medida em que a constatação da não menção direta da temática do lazer nas Resoluções do 4º Concut pedia uma outra forma de análise da fala dos trabalhadores que permitisse que posições não ditas sobre um determinado assunto pudessem ser evidenciadas. Lidando com as Resoluções de um congresso de trabalhadores organizados na CUT, uma das entidades sindicais existentes, sabíamos estar trabalhando com “discursos” produzidos, objetivando assumir posições frente às situações, aos entendimentos sobre a realidade e às posições de “outras” entidades⁷ sobre o mesmo assunto. Após estudos de possibilidades metodológicas de análise do arquivo de que dispúnhamos, optamos pela Análise de Discurso (A. D.), que tem como meta principal a análise do processo de produção dos discursos e do efeito de sentidos produzidos nesse processo.

Entendendo discurso como “efeito de sentidos entre locutores”,⁸ realizamos, na perspectiva da AD, um amplo rastreamento das possibilidades de sentido do lazer presentes no discurso de trabalhadores organizados. Através da leitura exaustiva dos diversos textos,

passamos a detectar as evidências de instantes de comunicação entre posições diferenciadas, na forma do debate, da argumentação e da tentativa de superação daquela posição. Esses instantes de comunicação evidenciavam-se, principalmente, na repetição de alguns termos ou idéias e na multiplicidade de sentidos com que estas idéias aparecem, evidenciando-se ainda na contradição entre posições presentes no texto que contém o discurso da entidade (CUT).

Essa “comunicação” entre posições diferentes presente no discurso é entendida pela A.D. como constitutiva do processo de sua elaboração, significando o instante em que, para construir uma “nova” posição, comentam-se, criticam-se e apropriam-se ou negam-se posições anteriormente estabelecidas. A essas falas com que o “autor” do texto dialoga e que apontam no decorrer da leitura, a A.D. chama de “interdiscurso”. Foi com essa compreensão de processo de produção do discurso que observamos a fala da CUT.

O entendimento de “leitura” proposto pela Análise de Discurso concebe que o sentido e a coerência do texto são submetidos também às condições em que o leitor realiza a leitura e a interpretação. Com base nesse argumento, passei a considerar a hipótese de que a análise que realizei nas Resoluções do 4º Congresso poderia estar marcada pela redução das possibilidades de sentido às existentes nas concepções e elementos fornecidos pela teorização sobre o lazer.

Essa constatação fez com que realizasse a análise de alguns textos da

teorização sobre o lazer, com o objetivo de verificar os sentidos produzidos e a estrutura sob a qual estavam sendo produzidos esses sentidos na teorização. Colocava-se agora em jogo a possibilidade de limites do quadro teórico de referência (e delimitação) utilizado para a observação e análise das posições sobre temática do lazer presentes nas Resoluções do 4º Concut.

As análises dos dois discursos foram feitas separadamente, procurando-se observar suas “ordens” de significação, o jogo de imagens sobre o qual se estruturavam, os sentidos que buscavam sustentar e negar, os sentidos dominantes e a presença do interdiscurso. Depois dessa análise, confrontamos o discurso produzido sobre a temática do lazer entre trabalhadores organizados em sindicatos com o discurso produzido pela “teorização” sobre o lazer, observando diferenças e proximidades dos sentidos e proposições sobre o tema, a fim de verificar a dinâmica do processo de produção do aparecimento e do silenciamento dos sentidos do lazer nas Resoluções analisadas.

Como resultado desse processo, obtivemos que o discurso sobre o lazer produzido entre trabalhadores organizados estrutura-se sobre a idéia de “sujeito coletivo” como princípio de “autoridade”. A partir desse princípio, as Resoluções aparecem como o instrumento pelo qual o “sujeito coletivo” “classe trabalhadora” fala, posiciona-se e apresenta suas deliberações e encaminhamentos sobre questões sociais polêmicas, objetivando a representatividade e a defesa coesa⁹ (predominando a idéia de unidade) de seus interesses. A pala-

vra organizadora do discurso é a palavra “luta” e é em relação aos sentidos da “luta” que os sentidos de lazer e cultura vão ser produzidos e instalados.

Observamos também que, dentro da aparente unidade “sujeito-coletivo”, há uma diversidade de posições que disputam o direito de dizer qual vai ser a direção dada à “luta”. Essa disputa se dá através da apresentação das posições diferentes e algumas vezes divergentes em “teses ao congresso” encaminhadas aos delegados. Nessas teses as tendências dialogam e criticam posições adversárias (estabelecendo suas próprias posições), candidatando-se e defendendo sua candidatura como direção político-ideológica correta e coerente para a “luta”. Essas teses são submetidas à apreciação dos delegados presentes no congresso, sendo eleita entre essas, pelo voto, a “tese guia”. Após a votação e a eleição, a “tese guia” é submetida a um segundo processo de revisão em que são propostas ementas ao texto original. Por esse processo, compõe o texto da tese guia, como interdiscurso, a fala das tendências derrotadas.

Por sua vez, na análise dos textos produzidos pela teorização sobre a temática do lazer, observamos que o discurso do lazer também se estabelece a partir do debate com posições já instaladas. A partir da leitura e análise de textos já produzidos sobre a temática, o autor, como princípio de estruturação do texto, estabelece posições sobre o “já dito” por outros autores, revisando conceitos, avaliando a viabilidade das proposições, escolhendo e descartando idéias enquanto constrói o lugar de

entendimento da temática em que vai instalar-se. Esse processo se dá de forma que “novas” posições se instalam sobre posições consideradas “corretas” e capazes de “captar a dinâmica do lazer”.¹⁰

O processo de produção do discurso da “teoria do lazer” é legitimado a partir dos critérios de “cientificidade” e de “verdade”, sendo organizado e controlado pelas leis e métodos de investigação e fala, constantemente revistos e reordenados pela “sociedade de discurso”.¹¹ Por esses critérios, o autor posiciona-se a partir do lugar do indivíduo apto e autorizado, pelo processo de sua formação, a dizer, com conhecimento de causa, sobre a temática em foco. O discurso estrutura-se assim a partir da ilusão de “onipotência” e “onisciência” do autor que vem firmar suas posições frente a um determinado objeto a que dedicou atenção e estudo.

Regido por essa ordem, o discurso da “teorização” sobre o lazer procura estabelecer os diversos “valores” sociais e individuais deste como *atividade a ser fruída pelos indivíduos no seu tempo disponível*, objetivando o “divertimento, o descanso e o desenvolvimento”, e como *área cuja investigação e conhecimento são relevantes e necessários para a compreensão da dinâmica social de produção do conformismo e da resistência*.¹² A preocupação da teorização é com a caracterização das atividades e da atitude desenvolvidas nesse tempo, com a compreensão da dinâmica geradora desse tempo, bem como com a definição e a delimitação do que é e o que deva ser o lazer. Essas constatações permitem

afirmar que a teorização sobre o lazer preocupa-se com o que ocorre no tempo livre (de atividades obrigatórias) do trabalhador.

Obedecendo a essas ordens de estruturação e significação, os sentidos do lazer, nessas formações discursivas, vão ser estabelecidos a partir dos jogos de interesse em que são estruturados.

No prisma da preocupação com a ocupação do “tempo livre” do trabalhador, o discurso sobre o lazer vai instalar-se, **na teorização**, organizado pelo princípio do “autor”, segundo os sentidos dos “valores” sociais e pessoais das atividades de lazer, visando ora à adaptação dos indivíduos à ordem capitalista, ora à emancipação humana, com os seguintes sentidos:

- a) com o sentido de fração de tempo, destinado à recuperação para o retorno ao trabalho, em que os indivíduos fruem o descanso e o divertimento;
- b) com o sentido de negação do **trabalho**, como categoria histórica e locus concreto em que se vivencia a situação de exploração;
- c) com o sentido de relevância histórica, na medida em que representa a resistência dos trabalhadores, demonstrada nas “lutas” pela redução da jornada de trabalho e na fruição de atividades de lazer, apesar das adversidades vivenciadas no atual contexto histórico;
- d) com o sentido de possibilitar a vivência de “valores” questionadores do modelo de sociedade vigente, com potenciais transformadores da situação de opressão/exploração/in-

felicidade vivenciada pelos indivíduos e identificada como estando no mundo do trabalho/esferas de obrigações sociais. Essa possibilidade questionadora pode ser direcionada na medida em que houver uma política que incentive níveis de participação críticos e criativos na fruição do lazer; e

- e) como algo a ser negado, juntamente com o trabalho, em busca de uma outra construção que dê conta de explicar a existência histórica do lazer e as necessidades que este vem mascarar, demonstrando a preocupação com outras formas de subjetivação que não estão contempladas na forma atual da teorização sobre o lazer.

Por sua vez, na preocupação com a recuperação dos poderes da representatividade e de organização da classe trabalhadora, tendo em vista a manutenção do poder de resistência e barganha frente ao “inimigo comum”, identifico o aspecto fundador do discurso de trabalhadores organizados sobre o lazer. O discurso sobre o lazer vai instalar-se no discurso de trabalhadores organizados em sindicatos, regido pelo princípio do “sujeito coletivo”. Como já colocado, o “sujeito coletivo” visa ganhar dos trabalhadores da “classe” e suas “categorias” o direito de “representatividade”, para, através desse direito adquirido, encaminhar discussões e decisões nas direções, ora da emancipação humana, ora da participação dos trabalhadores na gerência do capital.

Neste jogo, os termos “cultura” e “lazer” (na fala representativa dos inte-

resses de classe que é a fala do “sujeito coletivo”) têm os seguintes sentidos:

a) mais um dos resquícios do “assistencialismo” imputado aos sindicatos pelo Governo Populista associado aos sindicatos pelegos;

b) descartando o sentido de “lazer”, cultura vai aparecer como:

- tudo o que se aprende;
- como algo específico produzido pela área sindical e que deve ser ensinado pelo sindicato e aprendido pelos diretores, funcionários e pela “base”;
- como a diversidade da unidade chamada “Nação”;
- derivando ainda para a noção de “pessoa culta”, como sendo aquela que “tem o saber”. Esse saber que “se tem” é, ao mesmo tempo, algo fácil de ser incorporado desde que a “pessoa” procure “se informar”;
- como algo que se aprende para entender “problemas de hoje em dia”;
- ler, conversar, dialogar;
- aparece ainda como “objeto de transformação de uma sociedade”;
- como algo que precisa ser pensado dentro do sindicato em função de atender ao trabalhador determinado pelo ritmo da fábrica e da máquina;
- podendo “ser um lazer”. “Você usa a cultura como objeto de lazer”;
- como uma nova concepção de sociedade que se constrói a partir das dificuldades e necessidades dos trabalhadores, objetivando trans-

formar a sociedade e satisfazer as necessidades desses trabalhadores.

c) referindo-se especificamente ao lazer encontramos os seguintes sentidos:

- momento para você esquecer tudo o que você faz continuamente;
- parar com tudo aquilo que é cotidiano para viver uma outra coisa que vai dar-lhe satisfação;
- como algo que vai “tirar um pouquinho” do cotidiano fazendo “pensar em outras coisas que não aquilo em que você pensa normalmente”; como um momento para “esquecer tudo o que cê tá fazendo”, distrair, aliviar de tudo, flutuar no mundo;
- como algo restrito à diversão e ao relaxamento. Um momento para estar com amigos, com pessoas de que se gosta;
- como uma certa leveza posta na condução de um ideal perseguido pelo coletivo, que não faz sentido individualmente;

d) quando interligados, cultura e lazer aparecem com os seguintes sentidos:

- com o sentido de atividades integradas em que se realizam ao mesmo tempo a informação e o divertimento;
- como atividades diferenciadas pelas noções de “maior” ou “menor” compromisso como traços definidores, respectivamente, da “cultura” e do “lazer”;
- apesar de haver graus de compromisso diferenciados, estão inter-

ligadas “porque é lazer você assistir a um show, você ir assistir a uma peça, ir assistir a um filme e isso também é cultura!”;

- combinando distração com divertimento, entre tantos outros sentidos possíveis.

Quando trabalhador sindicalista e funcionário do sindicato falam das possibilidades de sua autodeterminação — quando perguntados como é sua prática pessoal de lazer —, remetem essa questão aos anseios de desorganização da ordem posta no mundo que não conseguem reorganizar segundo suas necessidades e projetos emergentes. É assim que em suas falas pessoais o lazer vai aparecer como:

- a) confrontar o aparato policial que reprime e bloqueia a expressão de suas necessidades através do ato de greve;
- b) como uma forma de conduzir a “luta”, amenizando os impactos das frustrações e das derrotas diárias, preparando a semente da esperança até chegar o momento de retomar a luta. De certa forma, é uma forma de continuar lutando;
- c) relaxar, sair do ritmo frenético da estrutura que se quebra e corre, atordoada, atrás das possibilidades de salvação do projeto, do sonho coletivo que rui;
- d) estar na companhia dos amigos que compartilham a “luta” nos mais diversos lugares, atividades e tempos diários;
- e) não fazer o que é imposto, mas o que é necessário fazer naquele momento;
- f) sair do convívio dos colegas de trabalho, e conversar sobre coisas amenas com amigos outros que não fazem parte daquele mundo do raciocínio, da astúcia aguçada, do trabalho constante pela “causa” que sacrifica, até mesmo, a possibilidade do trabalho adaptado, no caso de desistência da “luta”, aos interesses do capital;
- g) estar na ação sindical mesma como a possibilidade de ter de volta, através da consciência adquirida da necessidade de lutar contra o estranhamento e a alienação;

O discurso de trabalhadores organizados sobre o lazer, quando estão em jogo os interesses do sindicato, está marcado pelo esforço de tentar recorrer a um objeto que possibilite a geração de espaço/ tempo/ atividade/ atitude com probabilidade:

- a) de construção de uma alternativa de espaço para o trabalhador frente ao clube de empresa que concorre com a necessidade dos dirigentes de garantir a mobilização do trabalhador para uma ação sindical representativa e de enfrentamento ao patronato;
- b) cultivo de uma maior quantidade de tempo livre para o trabalhador onde este possa viver para si mesmo e em que haja a possibilidade, livre das pressões do patronato, de sua conscientização e formação política, fortalecendo a representatividade, a entidade e a possibilidade de conquista dos interesses coletivos;
- c) criação de atividades e eventos que estimulem ao trabalhador a vir ao sindicato e garantam grandes mobilizações para disseminação das ban-

deiras do sindicato e das posições político-ideológicas defendidas pela direção;

- d) promoção de situações que possibilitem a expressão de habilidades pessoais que possam gerar — além da auto-expressão, da satisfação, da alegria, da comunhão de interesses e desejos — a reação frente à situação de exploração vivenciada.

A análise desses discursos permite assinalar que, quando estão em jogo as posições políticas sobre a organização social e as propostas de alteração da ordem social dominante engendradas a partir dessas posições, as falas sobre o lazer vão aparecer desorganizadas e mediadas, ao mesmo tempo, pelos interesses pessoais e pelos interesses políticos e históricos.

Contrariando algumas afirmações presentes no discurso da teorização sobre o lazer, que evidenciam a preocupação com a garantia da prática de atividades de lazer livres das obrigações diárias, o discurso de trabalhadores organizados sobre a temática acentuam a necessidade de transformar esses momentos em instantes de politização e de preparação da consciência de classe. Entretanto e contraditoriamente, referindo-se a seus momentos pessoais de lazer, apontam a mesma necessidade de desligamento das atividades obrigatórias acentuadas pela teorização.

Essa constatação permite-me concluir que a definição de lazer proposta pela teorização se baseia na definição pessoal que os indivíduos atribuem cotidianamente ao lazer, a partir da necessidade de descanso da guerra diária pela sobrevivência. E o que nos inquieta está

justamente aí, no lugar em que a teorização, esquivando-se de explicitar a historicidade dos sentidos institucionalizados do lazer, apenas repete os sentidos atribuídos a essa atividade pelo senso comum. Essa constatação, parece-me, pede a tentativa de explicação teórica do lazer como prática social institucionalizada e historicamente construída.

Por sua vez, entre trabalhadores organizados, onde são determinantes as definições e direções políticas, onde a cada dia se acentua a opção pela concepção social democrática de participação dos trabalhadores na sociedade, assusta-nos que não tenham sido realizadas, até a atualidade, uma reflexão crítica e uma direção clara ao sentido que aqueles pretendem dar ao seu tempo liberado das atividades obrigatórias. Dentro do lugar em que se propõem colocar, a “luta de classes”, os trabalhadores organizados ainda não deram conta de realizar a crítica à invasão do patronato ao seus tempos livres, repetindo, sem o menor zelo, o discurso do patrão.

Entretanto, em um e em outro lugar, estão em construção, na forma da fala minoritária, outros sentidos que dizem de outra concepção de vivência dos sentidos institucionalizados e determinados como existentes apenas nas atividades de lazer. E é no exato lugar desses sentidos que vemos reacesas, na teorização sobre o lazer e na fala de trabalhadores organizados, àquela crítica à desobjetivação do homem de si mesmo e aquela necessidade de reunião do homem consigo mesmo que tanto Marx tentou denunciar. E é neste lugar que percebemos instalada a esperança.

Notas

- ¹ Expressão utilizada por um sindicalista para definir o papel da cultura nos sindicatos e na vida dos trabalhadores.
- ² Centro de arquivo e catalogação de documentos oriundos dos movimentos populares, situado em São Paulo.
- ³ Essas entidades têm o compromisso de organizar, representar, defender e encaminhar as lutas dos trabalhadores a ela vinculados.
- ⁴ “Conteúdos Culturais no Lazer da Classe Trabalhadora”, 1991, mimeo. Este primeiro trabalho foi realizado durante o Curso de Especialização em Recreação e Lazer.
- ⁵ “Primeiras reflexões sobre a questão do lazer no espaço sindical”. Monografia de Especialização. Campinas : Unicamp, 1992.
- ⁶ “Resoluções do 3º Congresso Nacional da Central Única dos Trabalhadores”. São Paulo : CUT, 1988.
- ⁷ Força Sindical, Central Geral dos Trabalhadores e União Sindical.
- ⁸ Michel Pêcheux, *Semântica e discurso*, Campinas : Editora da Unicamp, 1988.
- ⁹ Encontramos no estatuto da Central Única dos Trabalhadores e nos relatos sobre a sua história a preocupação de criar uma única central sindical, definindo-a como a central sindical nacional que traria a unidade de classe e a possibilidade de os trabalhadores enfrentarem o patrão em igualdade de condições e de força.

¹⁰ O esforço da metodologia da Análise de Discurso é o de comprovar que esse processo de seleção não se dá de maneira totalmente consciente e que compõem as escolhas e o novo construído aquelas posições que se desejou negar. Isso é chamado pela A.D. de esquecimentos do discurso.

¹¹ Para a compreensão das “sociedades de discurso”, ver Foucault em “A Ordem do Discurso”. Pessoalmente, entendo que essas leis vão sendo constantemente aprimoradas e redefinidas através da crítica realizada pelos próprios pesquisadores aos métodos e às verdades já estabelecidas.

¹² Valle (1988), Oliveira (1986), Magnani (1994), entre outros.

Bibliografia

- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 2.ed. São Paulo : Cortez, 1995.
- BOITO Júnior, A. *O sindicalismo de estado no Brasil: uma análise crítica da estrutura sindical*. Campinas : Ed. da Unicamp / Hucitec, 1991.
- _____. *O lazer é um perigo*. Veja, São Paulo, 30 de jun. 1993.
- COSTA, Washington, SOUZA, F. C. de, BARGAS, O. *A CUT veio para fazer o que? Teoria & Debate*, São Paulo, n. 3, p. 38-45, jun. 1988.
- CUNHA, Newton. *A felicidade imaginada: a negação do trabalho e do lazer*. São Paulo : Brasiliense, 1987.

- FALEIROS, M. I. L. *Repensando o lazer*. São Paulo : Perspectivas, , n. 3. 1980.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural pronunciada no Collège de France no dia 2 de dezembro de 1970. Tradução: Sírio Possenti. Campinas, abril - junho de 1993. (mimeo).
- GADET, F., T. HAK. *Por uma análise automática do discurso - uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed., Campinas : Ed. da Unicamp, 1993.
- GIANNOTTI, V. *CUT: por dentro e por fora*. Petrópolis : Vozes, 1990.
- _____. *CUT : Ontem e hoje - o que mudou das origens ao 4º CONCURS*. São Paulo: Vozes, 1991.
- LAFARGUE, P. *O direito à preguiça*. Lisboa : Estampa, 1977.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e educação*. Campinas : Papyrus, 1987h.
- _____. *Pedagogia da animação*. Campinas : Papyrus, 1990c.
- MARX, K. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. in FERNANDES, F. *Marx e Engels: história*. 3.ed. São Paulo : Ática, 1989. p. 146-164.
- MAYRINK, G., CAMARGO, L. O. de L. *O lazer é um perigo* Veja, São Paulo, 30 jun. 1993.
- OLIVEIRA, P. S. de. Tempo livre, trabalho e lutas sociais. *Reflexão*, Campinas, n.35, 1986.
- ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2.ed. Campinas : Pontes, 1987.
- ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. São Paulo : Cortez, Campinas : Ed. da Unicamp, 1996.
- _____. *Terra à vista : discurso do confronto velho e novo mundo*. São Paulo : Cortez/ Unicamp, 1990.
- _____. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas : Ed. da Unicamp, 1992.
- ORLANDI. *Gestos de leitura*. Campinas : Ed. da Unicamp, 1994.
- PÊCHEUX, M. *O discurso : estrutura ou acontecimento*. Campinas : Pontes, 1990.
- _____. *Semântica e discurso*. Campinas : Editora da Unicamp, 1988.
- PEIXOTO, E. M. M. *Primeiras reflexões sobre a questão do lazer no espaço sindical*. Monografia (Especialização em Recreação e Lazer) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1992.
- RODRIGUES, L. M. *CUT: os militantes e a ideologia*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1990.
- VALLE, L. A. B. do. *O lazer como resistência*. Fórum Educacional, n. out./dez. 1988.
- VENCESLAU, P. de T. *Jair Meneguelli: a CUT amadurece*. Teoria & Debate, São Paulo, n.5, p. 30-34, jan./mar. 1989.